

Fronteiras do patriarcado: expansão, declínio e persistência do patriarcado na cultura e na família

- Modelo patriarcal existente há séculos pode trazer sensação de estabilidade e segurança. Rigidez e estereotipia de papéis masculinos e femininos vem contribuindo para surgimento de movimentos de protesto, assim como para aumento progressivo da violência para tentar mante-lo.
- Diminuição da força patriarcal vivida como intensa ameaça, por aspectos desconhecidos e perdas imaginárias que as mudanças trariam, incluindo vivências confusas sobre a sexualidade.
- Busca de proteção em líderes autoritários e fortemente patriarcais está relacionada à fragilidade e dependência total inicial inerentes a nossa espécie. Correlações entre defesas contra à percepção de vulnerabilidade e finitude e o pavor diante do risco de perder poder econômico e o domínio real ou fictício sobre outras pessoas participam desta equação.
- Políticos eleitos no Brasil e no mundo, com campanhas exaltando pensamentos e atitudes rigidamente patriarcais e matizes fascistas mais ou menos explícitos. A ascensão deste tipo de líderes historicamente costuma se dar em meio a crises econômico-sociais, com fomento proposital do já mencionado medo diante do incerto, do não sabido. Dados indicam, nesta conjuntura, um aumento da violência contra a mulher e os mais vulneráveis.
- Códigos transmitidos de geração para geração em uma complexa trama de laços envolvendo a cultura, o social e a família através de vários fenômenos já estudados, como a constituição do superego como Freud pensava e as mensagens enigmáticas de Laplanche, além de fatores ainda desconhecidos por nós. Interrogamos com suficiente profundidade quais papéis nossa atividade clínica e nossas instituições psicanalíticas tiveram até agora, e podem vir a desempenhar, nestas questões?
- Seria a insistência em definir normalidade para o sexual uma forma de fazer isto? Como temos nos posicionado quanto ao histórico e ainda muito atual "silenciamento do clitóris"? Somos ainda guardiões da palavra e da liberdade individual? Pois também constataremos que podemos tentar deter, condenar, sutil ou explicitamente, tanto nossos pacientes (talvez menos frequentemente dentro da sala de análise), quanto as pessoas de um modo geral, especialmente os jovens, que assim estão vivendo.

Fronteiras do patriarcado: expansão, declínio e persistência do patriarcado na cultura e na família

- Latência do fanatismo (Amos Oz). O incremento do fundamentalismo contemporâneo é fenômeno complexo e tem como um de seus elementos a tendência ao pensamento fanático como tentativa de encontrar solução para as ansiedades despertadas pelas mudanças e incertezas de nossos dias. Medo à mudança catastrófica
- Na constatação de qualquer perturbação no funcionamento pessoal ou social, parece haver urgência em se convocar o clichê de que falta ordem, logo, falta pai. A insistência neste ponto se conecta ao autoritarismo estar ocupando o espaço de um certo declínio das funções paterna e materna
- Trata-se de estrutura natural ou artificialmente construída por forças externas e internas? Cabe buscar modificar este cenário ou existe neutralidade diante do que temos vivido? A neutralidade seria realmente neutra ou uma forma inconsciente (e por vezes consciente) de cumplicidade com o sistema vigente?
- Tensão entre pensamento poético (ambiguidade e paradoxos bem vindos) e pensamento fanático de baixa intensidade (nos propicia o sentimento de pertencimento a um grupo, uma família, uma instituição ou uma nação) nos faz humanos. Características de uma possível estrutura patriarcal de baixa intensidade
- Arte, sensibilidade, curiosidade, empatia e humor como alternativas possíveis ao pensamento/modelos fanáticos.

Fronteiras do patriarcado:

expansão, declínio e persistência do patriarcado na cultura e na família

Mas a ordem do patriarcado, vigente há milênios, foi incapaz de modificar, e quem sabe tenha contribuído de forma importante para uma história repleta de violência e atrocidades cometidas entre os seres humanos, além das crescentes desigualdades existentes.

No século XX se encaminha grande desconstrução do patriarcado (mas com grande resistência a este fenômeno, persistindo os coronelatos por toda América, muito forte ainda no nordeste e norte brasileiros, e as diferenças documentadas nas oportunidades e pagamentos no mundo corporativo, etc.)

Se desenvolvem progressivamente múltiplas situações de enfrentamento do patriarcado e de questionamento da dominação masculina:

Começa a se popularizar o controle feminino da procriação com os anticoncepcionais, fato potencialmente transformador. Um dos primeiros grandes abalos ocorre nos protestos de maio de 1968: os protestos anti-autoritarismo protagonizado pelos jovens.

A possibilidade da mulher se separar e a lei do divórcio,

A criminalização da violência contra as mulheres e crianças, incluindo o assédio sexual (Lei Maria da Penha). A viabilidade da fertilização assistida

A criminalização da homofobia e de outras discriminações, raciais, religiosas, de gênero, etc.

Construção do afeto como pilar de sustentação familiar contemporânea, baseada em preceitos de dignidade, solidariedade e igualdade;

Fronteiras do patriarcado:

expansão, declínio e persistência do patriarcado na cultura e na família

Patriarcado significa, literalmente, "a regra do pai".[2][3] e vem do grego πατριάρχης (patriarkhēs), "pai de uma raça" ou "chefe de uma raça, patriarca",[4][5] que é um composto de πατριά (patria), "linhagem, descendência"[6] (a partir de πατήρ patēr, "pai") e ἄρχω (arkhō), "Eu governo".[7]

Pai é diferente de Função Paterna ambos diferentes de patriarcado. Anatomia/Gênero/Função; Uma mulher também pode ser autoritária, patriarcal.

Início do Patriarcado por força de lei, no Império Romano (960 a.C). pai por Direito, o Pater absoluto. Faziam parte do direito patriarcal as mulheres, as crianças, os escravos e os empregados domésticos. A partir da Idade Média, com o Cristianismo, se unem as noções de pai do direito romano com Deus Pai, resultando em uma ainda maior idealização dos homens e desvalorização das mulheres.

Apenas homens eram escribas

Houve também sistemas matrísticos (estudar mais) (Maturana), destruídos paulatinamente (e que parece servir de possível modelo mais integrado, fora da disputa patri-matri)

Família patriarcal colonial (extensa, pré moderna): abrangia pai, mãe, filhos, tios, noras, genros, avós, afilhados, além de serviçais e escravos, com o pai determinando o destino da vida de todos, mãe é reprodutora. Homem nativo colonizado é peça central, dobradiça que perpetua o sistema,

Família moderna aceita diferença, mas ressalta que esta indica para a mulher o lar e a maternidade, evolui da função de reprodutora para o papel de mãe e gestora do espaço doméstico, homem que segue no espaço público

Tendência a criminalização de tudo que conspire contra a mulher ser mãe, a infanticida, ninfomaníaca com seu desejo insaciável, e a prostituta, que vive do prazer e despreza a maternidade... auge da histeria (desejaria um misto das três características anteriores, mas reprime...)